

CULTURAS JUVENIS E EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA PÚBLICA: UM ESTUDO DE CASO

GALENO CRISCOLO PRRELA
Dr. MÁRCIO XAVIER B. FIGUEIREDO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PELOTAS- RS.
galenoparrelac@gmail.com.

Partindo para uma viagem

Essa minha viagem pelo mundo do conhecimento teve o seu início como estudante do ensino fundamental, médio, superior abrindo-se em novas possibilidades e mostrando-me as dificuldades que encontraria nesse meu percurso de educador.

Os caminhos muitas vezes percorridos de pés no chão, sujo de barro vermelho das estradas do interior de Minas foram às primeiras sementes para a reflexão que faço hoje sobre a Educação Física Escolar e as relações com as Culturas juvenis, buscando investigar como elas circulam no ambiente escolar e são “lidas” pelos alunos e professores. Procuo ainda fazer uma conexão entre essas culturas e as propostas curriculares de educação física escolar.

De acordo com Dayrell (2001, p. 147): “Os muros demarcam claramente a passagem entre duas realidades: o mundo da rua e o mundo da escola, como que a tentar separar algo que insiste em se aproximar. A escola tenta se fechar em seu próprio mundo, com suas regras, ritmos e tempos”.

Ainda hoje são desenvolvidas práticas voltadas para os esportes de competição, exarcebando o individualismo, exclusão e a repetição de gestos mecânicos, sem uma reflexão do que isso pode representar na vida desses jovens estudantes

Vejo nesta perspectiva como essa área do conhecimento era e ainda continua sendo desenvolvida, sem o compromisso com a formação do estudante, enquanto sujeito político e sócio-cultural

Todos esses questionamentos se fazem presente no meu percurso como educador e encontro nos dizeres de Castellani (1991, p.11), um modo como foi pensada essa área do conhecimento, e que ainda mantém raízes em nosso cotidiano

Também parece que, devido às suas características, a Educação Física tem sido utilizada politicamente como uma arma a serviço de projetos que nem sempre apontam na direção das conquistas de melhores condições existenciais para todos, de verdadeira democracia política, social e econômica e de mais liberdade para que vivamos nossa vida plenamente. Pelo contrário, muitas vezes, ela tem servido de poderoso instrumento ideológico e de manipulação para que as pessoas continuem alienadas e impotentes diante da necessidade de verdadeiras transformações no seio da sociedade.

As atividades são desenvolvidas com o compromisso de disciplinar e controlar o modo como usamos o nosso corpo, não deixando que manifeste as suas mais diversas formas de vivência corporal. Entendo aqui que essas manifestações são uma nova forma de ser do jovem que é aprendidos e reinventados pelos seus processos de socialização.

Este descompasso se manifesta na exigência como a escola se apresenta para estes estudantes, através de suas regras e imposições. Regras essas que para serem cumpridas exigem muitas vezes que este jovem “desvista” sua identidade.

Segundo Corti: (2001, p.8).

A escola e sua clientela juvenil são partes indissociáveis do processo educativo, contudo, à distância entre o mundo da escola – com seus saber-regras e procedimentos – e o mundo dos alunos com suas experiências e interesses - tem proposto problemas para todos os envolvidos: profissionais da educação, pais e

os próprios jovens destinatários da ação escolar. Assim a escola passa a agir com se os indivíduos à sua frente estivessem ali exclusivamente para aprender e, mais ainda para aprender aquilo que está nos currículos formais e de acordo com que a organização escolar permite.

A Escola engessa todos os possíveis movimentos que esses estudantes procuram fazer para que suas manifestações sejam visíveis aos olhos da comunidade escolar. Esse grande desafio, hoje é responsável pela busca de uma formação fundamentada no respeito às manifestações dos sujeitos e que tenha a educação corporal do movimento como um dos princípios da expressão do ser.

Estas observações vão de encontro com os escritos de Soares et Figueiredo, (2009, p. 58) que dizem: “É a negação completa da realidade social de onde parte este aluno, de onde mora, onde brinca, como se relaciona com o seu mundo... A criança e o jovem chegam à escola como se fossem advindos de uma cultura alienígena e que o seu lugar mais certo é do lado de fora do portão”.

A partir destas reflexões esta pesquisa vem sendo elaborada sobre os questionamentos desde a formação no curso de Educação Física, das experiências nas redes pública e privada de Belo Horizonte/MG, e das vivências como estudante do ensino médio e fundamental.

Essas questões, às vezes, insatisfações com minha prática pedagógica e a dos meus pares, foram se transformando em objeto de estudo nos últimos anos.

Dessa forma uma pergunta é recorrente: Como essas culturas circulam no ambiente escolar e são “lidas” pelos alunos e professores. Procuo ainda fazer uma conexão entre essas culturas e as propostas curriculares de educação física garantindo assim uma formação mais ampla e humanizada para que esses jovens estudantes sejam críticos, participantes de uma realidade que ora lhes é apresentada das mais diversas formas.

Dentro do contexto de minha docência essas questões sempre foram desafiadoras. Nas palavras de Bracht (1992, p. 10) a Educação Física se configura por ser: “... inspirada nos métodos ginásticos militares... Incluindo historicamente a exercitação corporal como o objetivo do desenvolvimento da aptidão física e o que se convencionou a chamar de formação de caráter, auto-estima, hábitos higiênicos, capacidade de suportar dor, coragem, respeito e hierarquia.”

Hoje, dentro da rede Estadual e Municipal de ensino da cidade de Belo Horizonte/MG ainda vejo com freqüência uma concepção arraigada de uma Educação Física sem diálogo com os jovens sobre o real significado dos movimentos corporais ou como são usados os corpos, ou ainda como a cultura juvenil não faz parte do cotidiano escolar.

Dentro da problematização apresentada procuro, neste estudo, embasar-me teoricamente em busca de repostas e/ou outras perguntas acerca das possíveis conexões das aulas de Educação Física, dialogando com as culturas juvenis dos jovens do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Belo Horizonte/MG.

Assim, percebo que minha caminhada está apenas começando, e será enriquecida com a contribuição da prática pedagógica dos meus alunos, da reflexão das leituras de textos e livros, assim como das conversas e trocas de experiências com os outros colegas, que contribuem de forma bastante significativa, tanto para a minha formação profissional quanto pessoal.

Teorias: Escutas, teias, possibilidade de conexões.

O tema adolescência é pouco abordado em trabalhos científicos. Sendo que em sua maioria abordam a questão da adolescência pelo viés da Psicologia.

Essa perspectiva considera o sujeito como um ente abstrato, ou seja como se anulássemos as pessoas e suas realidades vivenciadas.

Bock (2004, p. 29) afirma que: “A adolescência é vista como uma construção social que tem suas repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não como um período natural do desenvolvimento”.

Com essa perspectiva apresentada percebo que existem várias concepções e conceitos sobre a juventude/adolescência. No entanto, optei por trabalhar com uma concepção que apresenta um processo que além de não ser homogêneo e não representar uma fase de preparação para, constitui um conjunto de experiências e vivências que possibilitam a construção de múltiplas identidades, vinculadas a contextos sociais e práticas culturais concretas Dayrell (2005).

Considerando que essas múltiplas vivências e identidades desses adolescentes não estão isoladas, elas se referem também aos seus espaços de ocupação, seus contextos, portanto, explicitadoras das culturas e identidades.

Nas sociedades contemporâneas, a inserção dos jovens em grupos com os quais se identificam tem se afirmado como uma característica da juventude e da adolescência, entendida como primeiro momento da juventude.

Essa inserção se dá a partir de um sentimento de identificação e pertencimento. A dinâmica da constituição e ação desses grupos possibilita aos adolescentes a vivência de contextos e práticas socioculturais nas quais se reconhecem como protagonistas Dayrell (2005). Essa idéia vem ao encontro, e de certa forma se materializa, na experiência e na vivência que tenho tido com estes adolescentes. Por um lado observo a conexão que têm com seus pares de idade já por outro, ressinto à falta de conexão com os professores na escola. Essa é uma das questões que têm me mobilizado às reflexões e buscas na compreensão da relação jovens estudantes e escola, escola e estudante.

A partir disso algumas indagações: Os jovens se reconhecem enquanto sujeitos no cotidiano escolar? A escola reconhece os estudantes adolescentes e jovens enquanto sujeitos?

Culturas, escola, jovens: Espaço de quê?

Como a escola se apresenta para o jovem adolescente? Que representações eles tem desse(s) espaço(s)? São questões que sempre nos aparecem enquanto educadores, segundo Dayrell (2007, p. 95) os espaços indicam que:

Os jovens e adolescentes tendem a utilizar os espaços institucionais como ambientes onde se encontram as diversas culturas, por exemplo, os 'chegados' do hip hop e a 'galera' do funk, é um momento privilegiado de se descobrirem como indivíduos, buscando um sentido para a existência individual. É um momento próprio de experimentações, de descoberta e teste das próprias potencialidades, de demandas de autonomia que se efetivam no exercício de escolhas. Nesse processo a turma de amigos é uma referência: é com quem se fazem os programas "trocam idéias", buscam formas de se afinar diante do mundo adulto, criando um 'eu' e um 'nós' 'distintivos'.

Outra questão que não posso deixar de abordar durante a investigação são as relações que se estabelecem entre as turmas de amigos sob a influência da cultura de massa, e em que medida essas relações afetam o grau de participação do adolescente na vida cultural da escola e nos espaços da comunidade.

Podemos observar algumas pistas na fala de Constantini (2004b, p. 97) no qual faz uma reflexão:

Hoje talvez mais do que no passado, os jovens são levados aos *entretenimentos de massa*, ligados a rituais e comportamentos coletivos, como as danceterias, torcidas organizadas, grupos reunidos para ouvir música, moda mais ousada (piercing, tatuagens), competições arriscadas. O grupo de amigos é sem dúvida uma superpotência afetiva à qual os adolescentes dificilmente sabem dizer não. Existem, segundo ele, vários rivais que disputam com os adultos a ascendência educativa e que exprimem sentimentos e emoções provenientes dos adolescentes: a subcultura televisiva, o universo da propaganda, a música

adolescente, o consumo de drogas, e tudo aquilo que é expresso pela cultura jovem.

Como pude perceber a escola não incorpora esta diversidade de culturas, identidades e saberes dos seus sujeitos e quando muito desenvolve algo sobre as diferenças.

Assim como Dayrell (1996, p. 55) acredito que:

Analisar a escola como espaço sociocultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sócio cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição.

Partindo desse pressuposto, acredito que um dos desafios da escola é estabelecer relações com os sujeitos adolescentes de forma a reconhecê-lo com agente ativo. Pois neste sentido Ezpeleta & Rockwell, (1986, p 66) enfatizam que:

Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças, conflitos, imposição de normas e estratégias individuais ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. Fruto da ação recíproca entre o sujeito e a instituição, esse processo, como tal, é heterogêneo. Nessa perspectiva, a realidade escolar aparece mediada, no cotidiano, pela apropriação, elaboração, reelaboração ou repulsa expressas pelos sujeitos sociais.

Com base na reflexão acima, reafirmo que o reconhecimento do adolescente, por parte da escola implica em superar a visão homogeneizante e estereotipada sobre o seu processo de viver. Trata-se, portanto, de compreendê-lo em suas diferenças, enquanto pessoa que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprias Dayrell, (1996). E que vive e convive com outras pessoas e com tempos e espaços diferenciados no seu cotidiano.

Nesse sentido, reafirmo Dayrell (1996) quando propõe a escola como um espaço/tempo socio-cultural.

Os caminhos: Pegando a “estrada”

A nossa questão é saber como essas culturas circulam no ambiente escolar e são “lidas” pelos alunos e professores e procuro ainda fazer uma conexão entre essas culturas e as propostas curriculares de educação física.

Na garimpagem das informações serão utilizadas observações das aulas de educação física, dos grupos de culturas que utilizam esses espaços para as suas manifestações, entrevista semi-estruturadas, fotografias, filmagens e análise de vídeos. Irei investigar como a escola tem se organizado para propiciar aos alunos a oportunidade de ter práticas que ajudem na construção de conhecimento, identificando a relação do ensino da Educação Física com o currículo da escola e as práticas culturais juvenis da região onde ela está inserida. Sendo assim o Projeto Político Pedagógico da escola será um instrumento que ajudará identificar as implicações do ensino da Educação Física e a sua conexão com a cultura corporal e a cultura juvenil.

A pesquisa será de natureza qualitativa, orientada pela metodologia do Estudo de Caso, em uma escola da rede municipal de ensino na cidade de Belo Horizonte/MG, com grupos de culturas juvenis que fazem desse espaço o seu ponto de encontro e os alunos que estejam envolvidos nessas atividades. A idéia é trabalhar, nas mais diversas manifestações culturais, no

sentido de compreender como essa produção cultural circula/ envolve /delimita /se expressa no cotidiano escolar.

Desse modo, a pesquisa faz uma articulação teórica permanente, de modo a oferecer novos significados aos conceitos, reflexões, vivências e informações, observações garimpadas em muitos anos de “aulas a céu aberto”¹ e acompanhar o que surgir de novo no campo de conhecimento.

Sinais das culturas e suas conexões

Os achados, indicativos garimpados nesta trajetória das vivências de um adolescente, professor, que volta a ser estudante novamente, para procurar ler a cultura, como essa cultura dos adolescentes circula, chega, dança nos espaços reais e invisíveis de uma escola pública, põe-me a refletir das possibilidades de tornar esta área do conhecimento prazerosa geradora de uma multiplicidade de encontros de culturas que ficam invisíveis aos olhares poucos sensíveis àquilo que foge as rotinas dos currículos.

A Educação Física na maioria das vezes caracteriza-se como uma prática desconectada do cotidiano dos jovens/adolescente, portanto de seus sentimentos, sonhos, valores, expressões etc. De acordo com minha observação, o máximo que acontece é um reconhecimento no campo das diferenças. Essas manifestações e expressões, geralmente, têm um lugar pouco significativo no cotidiano da escola em detrimento do conteúdo escolar.

Observei que há um descompasso entre a cultura escolar e a cultura adolescente. Esse descompasso se manifesta na exigência que a escola coloca para o estudante através das suas regras e imposições. Regras essas que para serem cumpridas exigem muitas vezes que o adolescente “desvista” sua identidade

Na comunidade, onde a Escola está inserida há uma grande movimentação de grupos de capoeira, hip-hop, forró, grafite, circo, artesãos, congados, folia de reis, etc., que estão apropriando dos espaços públicos, entre estes a escola, para tentar dialogar com todos os atores destes espaços, mostrando que ela pode e deve ser um veículo de comunicação destes para com outros espaços que porventura aparecerem.

Acredito que esse estudo é de fundamental importância para a educação, pois estudar tempos/espaços de aprendizagem na escola é essencial, à compreensão das possíveis conexões da Educação Física com as culturas juvenis, dos professores/as e da comunidade.

Referências

- BRACHT, Valter. *Educação Física e Aprendizagem*. Porto Alegre: Magister, 1992.
- CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. 2ª Ed. Campinas – SP: Papyrus, 1991.
- CONSTANTINI, Alessandro. *Bullying, como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre jovens*. Tradução Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.
- CORTI, Ana Paula. *O encontro das culturas juvenis com a escola*/Ana Paula Corti, Maria Virgínia de Freitas, Marília Pontes Sposito. São Paulo: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2001.
- DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- DAYRELL, Juarez. *A escola faz a juventude? Reflexões em torno da socialização juvenil*, 2007, *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- SOARES, José Montanha e FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino. *O Poder Simbólico no Cotidiano Escolar: Reflexões sobre o corpo da Criança*. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.

¹ Aulas realizadas no pátio, nas quadras, nos cantos descuidados da escola onde o sol, o vento e a chuva são nossos companheiros cotidianos.